

O Melhor da Disney



As Obras Completas de
Carl Barks

Volume 29

O Melhor da Disney

*As Obras Completas de
Carl Barks*

Volume 29

M000

O melhor da Disney: As obras completas de Carls Barks. -
[São Paulo] : Abril, 2007
176p. : il. col. : 25,9cm. - (O melhor da Disney: v.29)

ISBN-978-85-364-0308-3

1. Barks, Carl, 1901-2000. 2. Disney, Personagens de.
3. Histórias em quadrinhos - História e crítica. I. Série.

CDD- 741.5

O Agente Secreto

Carl Barks foi pessoalmente a Beverly Hills a fim de entregar as 28 pranchas originais desta HQ no escritório da Western Publishing – empresa licenciada para criar, imprimir e distribuir gibis Disney nos Estados Unidos. Carl Buettner, o editor de arte da Western, examinou cada folha e, com expressão carrancuda, comentou: “Não é nada bom ter humanos. Isso tira os patos de seu mundo”. A reprimenda dizia respeito ao elenco de apoio da história, composto quase que exclusivamente de gente – e não daquelas criaturas antropomórficas do gênero.

Já havia alguns anos que o artista flertava com a elaboração de um ambiente humano para Donald. A iniciativa refletia a velha admiração do autor pelas tiras de aventura, como *Príncipe Valente*, de Hal Foster. Barks pretendia emprestar um clima semelhante aos enredos com que trabalhava. Por isso, substituiu o focinho cani-

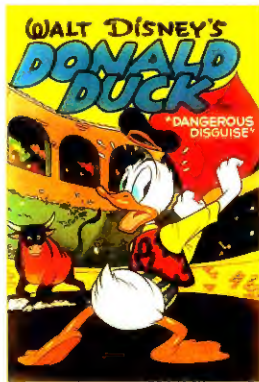


O xis da questão: esboço de Barks para o desenho animado *Madame XX*, de 1942

no por narizes em vários personagens de *Pato Donald na África* (*Voodoo Hoodoo*, lançada em *Donald Duck* 238 da série *Four Color*, de agosto de 1949, e no volume 11 desta coleção). E usou o mesmo recurso em *O Circo e o Palhaço* (*Big-Top Bedlam*, DD 300, de novembro de 1950, encontrada em nosso volume 12). A inovação passou despercebida pelos editores.

Barks deve ter se sentido seguro ao seguir o padrão em *O Agente Secreto*. “Eu não conseguia visualizar todos aqueles mestres espíões de tantas nações diferentes com cara de cachorro ou de porco”, declarou numa entrevista aos pesquisadores Donald Ault e Thomas Andrae em 1975. “Eu os via do modo como apareciam nos filmes. (...) Para mim, eles tinham que ser humanos.” A exceção é Donald El Quaco, sócia perfeito de Donald. A presença do pato-toureiro-espião faz sentido para o crítico Geoffrey Blum: “Os anos 1950 eram um período tenso, com a Guerra Fria em seu ápice. Se o inimigo conhecido já era assustador, o que dizer do anônimo que podia estar a seu lado e até se parecer com você?”, pergunta. Em certa medida, a *Agente Triplo-X* descende de uma patinha idealizada por Barks para o desenho animado *Madame XX*, de 1942, cuja produção foi interrompida.

O Agente Secreto (*Dangerous Disguise*), W OS 308-02, escrita e desenhada por Carl Barks em junho de 1950





História publicada originalmente na revista Four Color 308 em janeiro de 1951

O Agente Secreto (Dangerous Disguise)

No Brasil: Almanaque Disney 67 (1976), Disney Especial 72 (1983) e Disney Especial Reedição 68 (1992)





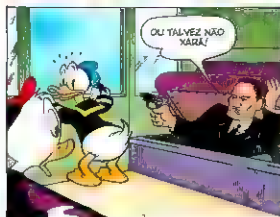




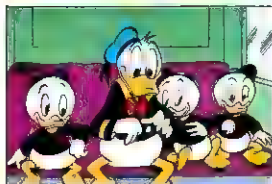


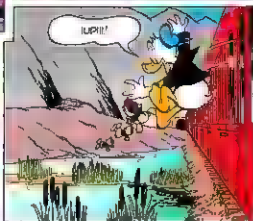


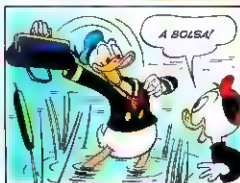


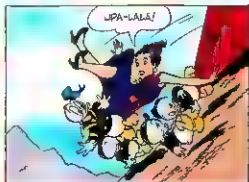
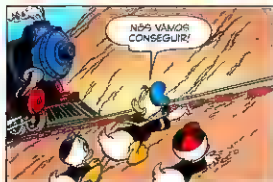




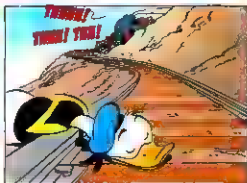


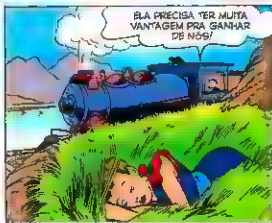












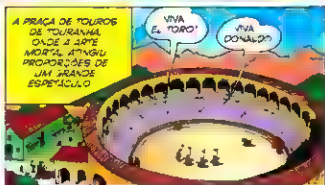


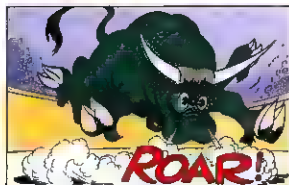
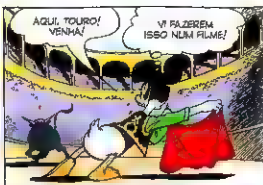


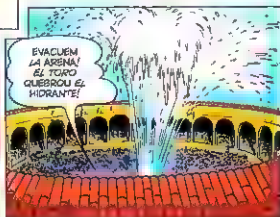
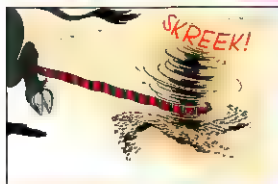


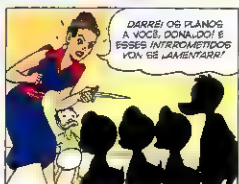


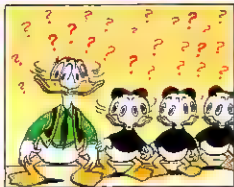














O Encantador de Serpentes

Durante a produção desta narrativa, Barks enfrentou uma das experiências mais marcantes de sua vida. Recém-separado da segunda mulher, Clara, o quadrinista passou a morar num galpão improvisado para onde havia se mudado com a prancheta de desenho e uns poucos pertences. “O armazém tinha sido usado como depósito de veículos e equipamentos de um parque de diversões itinerante. (...) O dono, que havia vendido o parque, instalou divisórias, cozinhas e banheiros e organizou o lugar em cinco pequenos ‘apartamentos’ (...) Era um local maravilhoso onde as idéias flutuam feito cachoeiras”, recordou-se numa conversa com o pesquisador Donald Ault em 1999.

O dinheiro obtido naqueles dias com os quadrinhos financiou o tratamento e a cirurgia a que a ex-companheira se submeteu no Scripps Memorial Hospital, em La Jolla, na Califórnia. Ela sofria de



De olho na vocação, Donald queria tocar para as cobras, mas acabou virando detetive

câncer e teve, na ocasião, uma perna amputada. Barks pagou todas as despesas à vista, uma vez que, como trabalhador sem vínculo empregatício, não dispunha do seguro de saúde fornecido pelo governo americano. Apesar desses problemas, *O Encantador de Serpentes* é uma trama divertida. Nela, Donald vai investigar o paradeiro de um navio que naufragou misteriosamente e encontra uma serpente marinha.

Dois aspectos se sobressaem na análise do layout do enredo. Em primeiro lugar, a disposição dos quadros indica a ampla liberdade gráfica que o Homem dos Patos tinha. O formato incomum das molduras de determinadas cenas quebra a monotonia retangular. A outra particularidade visual é a quantidade de painéis gigantes, que valorizam as proporções do monstro aquático. Na página 48, um quadro ocupa mais da metade da área impressa. Não custa lembrar que o artista dividia ao meio, no sentido horizontal, as artes-finais de suas pranchas. Isso significa que a imagem do animal emergindo das ondas foi criada em duas folhas separadas – a de cima retrata somente a cabeça e parte do pescoço. O ponto em que as peças se juntam é quase imperceptível, mas pode ser observado nas presas da serpente com o auxílio de uma lupa.

O Encantador de Serpentes (No Such Varmint), W OS 318-02, escrita e desenhada por Carl Barks em julho de 1950





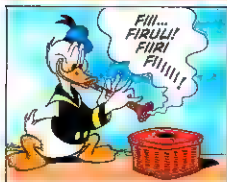
História publicada originalmente na revista *Four Color* 318 em março de 1951

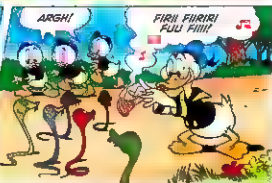
O Encantador de Serpentes (No Such Varmint)

No Brasil: Patô Donald (234 e 975) e Patô Donata de Ouro (980)







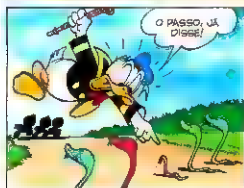
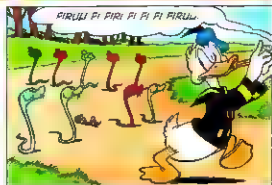
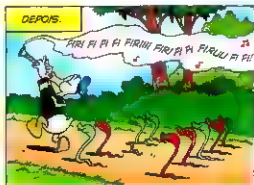


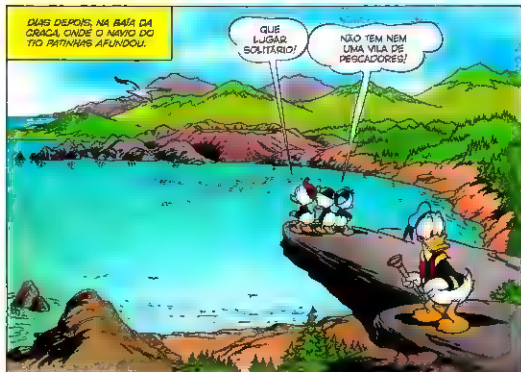


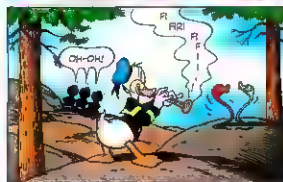
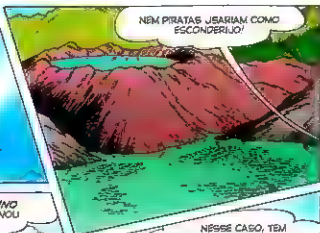


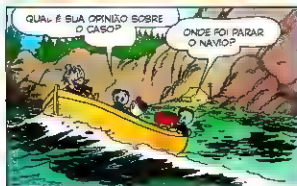


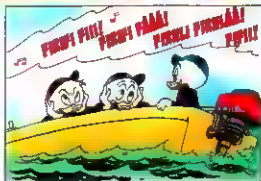
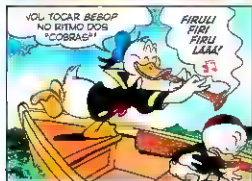


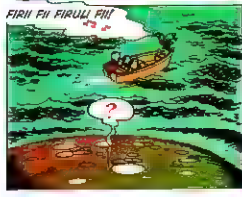


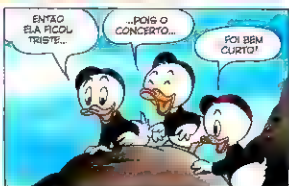
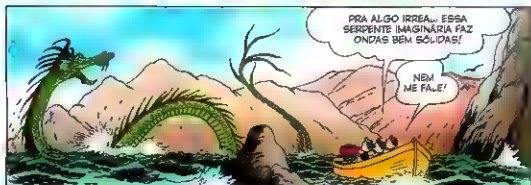




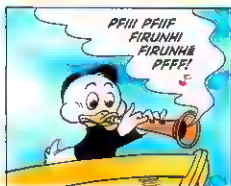




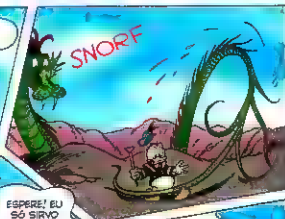
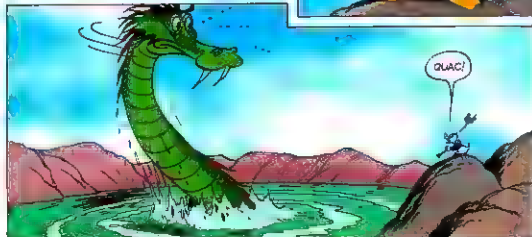




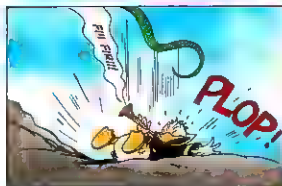
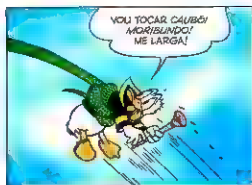






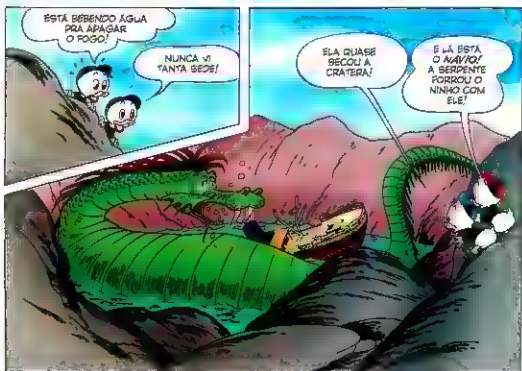




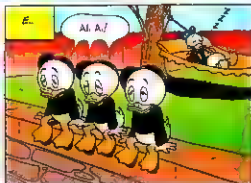










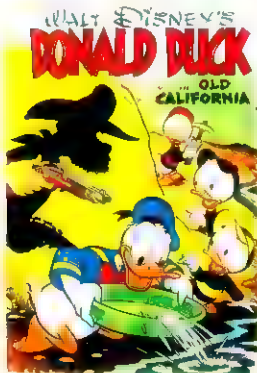




Na Velha Califórnia

É uma saga épica, ambientada na região onde Barks morava, que traz algumas paisagens extraídas da realidade. O quadrinista declarou numa entrevista ao biógrafo Michael Barner em 1974. “[Os cenários] são das cercanias de San Jacinto, onde eu vivia”. E, ao apontar a rocha com a qual os patos se chocam na terceira página da trama, continuou: “Essa pedra ficava a apenas algumas milhas da minha casa. Existe uma reserva indígena dos sobobas por ali e uma estrada que cruza um rio. Ela faz uma curva junto à pedra e leva até a aldeia. Na beira daquela colina, tinha umas rochas cobertas de artemisia que podiam facilmente confundir o Donald e causar o acidente”.

Por motivos sentimentais, o autor colocava a história entre suas favoritas. “Estudei numa escola californiana em Santa Rosa, na quinta série. (...) A cultura da Califórnia estava impregnada em nós, garotos, desde aquele tempo. (...)

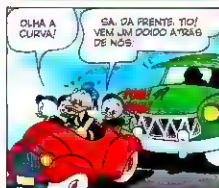


Oregon, 1915. Carl Barks cavalga no rancho da família, observado pelo irmão e pela mãe

Eu sempre desejei trilhar El Camino Real, seguindo de missão em missão, tirando fotografias e fazendo desenhos delas. Sempre fui fascinado pela história daquela área”, contou ao jornalista Paul Ciotto em 1972. Em outra conversa, gravada em 1975, Barks acrescentou “Apresente um pequeno caso de amor e também lide com nostalgia, história, um pouco de vilania e uns nomes doidos como Don Porco de la Baña, Don Porko de Lardo, em inglês). E eu tenho amor pelo Velho Oeste, pelos amplos campos verdes. Me lembro de quando era criança, com lugar de sobra para perambular, com uma arma de brinquedo na mão e cavalos para montar”.

A narrativa também menciona uma certa Ramona, donzela espanhola que deu nome a um livro de Helen Hunt Jackson, de 1884. A obra, que inspirou Barks, virou canção e peça de teatro e discute sobre o trágico romance da protagonista com um índio, denunciando os maus-tratos sofridos pelos povos nativos da região no fim do século 19. O quadrinista admitiu, numa nota de 1985, que citou as desventuras de Ramona para “impressionar os vizinhos de San Jacinto, alguns dos quais sabiam que os gibis do Donald que eles viam nos jornaleiros eram produzidos em sua cidadezinha”.

Na Velha Califórnia (In Old California), W OS 328-02, escrita e desenhada por Carl Barks em novembro de 1950

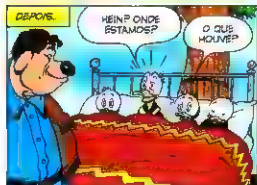


História publicada originalmente na revista *Four Color* 328 em maio de 1951

No Velha Califórnia (the Old California)

No Brasil: Pato Donald 793 e 1794 1987 e Tio Patinhas 436 (2001)























RODEIO,
O CERCO AOS
REBANHOS DE
DON GASPAR!

O PASTO FOI BOM! TEREMOS MAIS DE MIL CABEÇAS PRA EMBARCAR EM SAN DIEGO!

AGEIS VAQUEIROS INTERCEPTAM AS RESES E AS CONDUZEM ATÉ O ALTO DA COLINA!

OS TOUROS SELVAGENS SÃO
INSTIGADOS COM UMA VARA
E LEVADOS AO CURRAL DO
RANCHO!

**FEZ
O DANADO
DIRETINHO!**

O MAIS VELOZ
DE TODOS OS
VAQUEIROS É
ROLANDO!

JAU! ELE É TÃO BOM QUANTO
FLINT WESTWOOD!

FLINT O QUE?
NUNCA OUVI
FALAR DELE!

NEM PODE!
ELE NÃO FICOU
FAMOSO...
AINDA!

QUAC! UM TOURO VAI NA
DIREÇÃO DE PANCHITA!

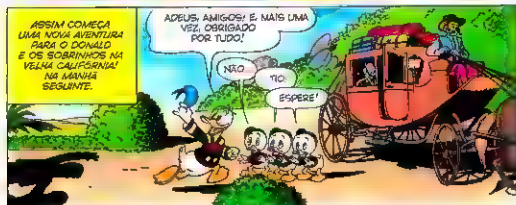
PRA TRÁS DAS ROCHAS,
MUCHACHOS! ESSE TOURO
É LIMA PERA!







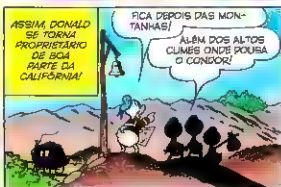






ACREDITO, DONALDO! VOCÊ FALA DE COISAS ESTRANHAS COMO SE AS CONHECESSE.







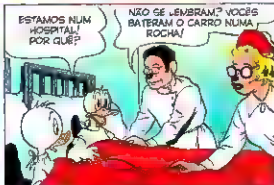












A MEDICINA
E A
MECÂNICA
TÊM SEUS
MÉRITOS.
LOGO
DONALD
E OS
MENINOS
RETOMAM
SEU
CAMINHO

VAMOS VOLTAR PRA
CIDADE... E PRA
CASA!

MAS ANTES VAMOS PARAR
PRA OLHAR UMA COISA!

O VELHO RANCHO! NA
VERDADE, ELE
LÁ FOI UMA
BELEZA!

TALVEZ DON GASPAS, PANCHITA
E ROLANDO NUNCA TENHAM
EXISTIDO MAS VAMOS
CANTAR PRA ELES!

MAIS UMA VEZ,
DONALD E OS
MENINOS ENTRAM
NO PÁTIO DO VELHO
RANCHO

Ai, Ai, Aiai!
Ai, Ai, Aiai!
Ai!

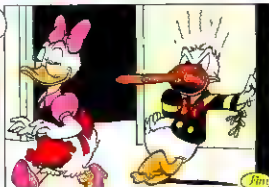
VISSO, A NOVA
CALIFÓRNIA
SEGUE SEU
CURSO

VIL 56? CRIANÇAS CANTANDO
VELHAS CANÇÕES ESPANHOLAS
DIANTE DAS RUÍNAS!

É... A GENTE
VÊ CADA
COISA.

Fim

Walt Disney
Pato Donald



O Lobisomem do Artico

Para muitos fãs do universo Disney, as aventuras impressas do Pato Donald deveriam ter sido encerradas em 30 de junho de 1966, quando Carl Barks pendurou as chuleiras pela Western Publishing. O quadrinista, que havia completado 65 anos no final de março, desvinculou-se de seu compromisso com a empresa tão logo surgiu a oportunidade para isso.

Perder um autor do calibre do Homem dos Patos era uma perspectiva bastante desanimadora para os editores. Por mais de duas décadas, as HQs de dez páginas criadas por ele mantiveram no topo as vendas da revista *Walt Disney's Comics and Stories*. Simultaneamente, as sagas estreladas pelo Tio Patinhas conquistaram um público gigantesco e fiel. "Eu não me esqueci de meus planos de se aposentar. Mas não me lembrava da data. Na verdade, eu adoraria esquecer tal data, pois será uma catástrofe para



Opções recusadas: acima, Barks imaginou uma capa em que a Família Pato persegue o lobisomem. Abaixo, a outra versão

a indústria de quadrinhos. Sinto muito que os 23 anos em que escreveu e desenhou tenham feito você sofrer tanto, mas veja o lado bom da coisa. Pense em quantas pessoas você alegrou com o Tio Patinhas", o diretor editorial Chase Craig escreveu ao artista em novembro de 1965. A carta prosseguiu em tom de adulação, numa tentativa de encorajar o artista a produzir um pouco mais. "Diga o que você prefere fazer em termos profissionais e nós nos planejamos com base na sua decisão. Se preferir trabalhar apenas com o Tio Patinhas até o dia de parar, tudo bem. Mas, naturalmente, nós gostaríamos de ter tanto material seu quanto você estivesse disposto a criar. Me conte o que resolver".

Logo após esse episódio, os dois chegaram a um acordo. Barks continuaria providenciando "alguns quadrinhos", o que garantiria a ele uma verba suplementar à pensão. O trato parecia bom para ambas as partes. Mas o Homem dos Patos estava cansado. Ao longo dos cinco anos anteriores, ele vinha espremendo o cérebro em busca de idéias para histórias. "A mente não é um poço sem fundo. O meu está prestes a secar", queixou-se com as mesmas palavras em duas cartas dirigidas a leitores em abril e outubro de 1960. Três anos depois, lançou outro desabafo: "Estou ficando velho e, no velho pomar de onde as gags e os argumentos



foram colhidos à exaustão, é cada vez mais difícil encontrar algo engraçado”

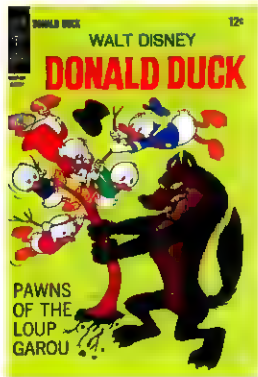
O *Lobisomem do Ártico* foi o primeiro fruto da nova combinação entre o quadrinista e a editora. A sugestão de usar um *loup garou* partiu do biógrafo Michael Barrier — até então um mero fã que estava começando a trocar cor respondência com seu ídolo. Barrier pensava em submeter alguns roteiros à avaliação da Western Publishing e pediu conselhos ao mestre. Uma das idéias do rapaz agradou Barks. Em dezembro de 1966, o artista escreveu ao administrador “Mike” numa de suas curtas recentes: você me enviou algumas idéias para que eu criticasse. Uma delas era sobre o uso de um *loup garou* como ameaça aos patos. Estou querendo fazer um roteiro de 21 páginas para uma HQ do Pato Donald e o lobisomem me veio à cabeça como uma interessante fonte de gags”. Barks pagou 10 dólares a Barrier e, no final de março de 1967, o roteiro foi concluído. A Western escalou Tony Strobl para desenhá-lo, com o auxílio do arte-finalista Steve Steere. O resultado não satisfaz

nem Barks, nem Barrier. O texto ficou carregado e o lobo não ganhou uma aparência ameaçadora. O terror que o quadrinista havia evocado com maestria em obras prévias perdeu a força. Barrier escreveu questionando se a Western havia alterado o material.

“Suas observações sobre minha história com o *loup garou* é o tipo de assunto que eu quero esquecer”, o autor respondeu, mencionando a proibição de produzir HQs de terror imposta pela Western. “Sempre há decisões a tomar. Eu posso retratar o *loup garou* como um lobisomem de verdade? E uma bruxa, pode ser uma bruxa real? Até que ponto eu posso avançar no âmbito do humor e do ridículo sem me encenar com a editora? Sempre procurei dar explicações lógicas para todos os fenômenos. Detesto pensar nas minhas histórias antigas e reviver a batalha de querer fornecer explicações interessantes e divertidas em vez de entupir o público de bobagens.”

O tempo tratou de provar que Barks exagerou na autocrítica. O roteiro a lápis foi devolvido a ele, que o presenteou a Barrier. Os rascunhos equivalem aos *storyboards* que o quadrinista preparava com grafite azul antes de desenhar as seqüências definitivas. Eles contêm a essência das ações e sugerem poses e expressões para os personagens. As próximas 42 páginas reproduzem, de modo intercalado, os esboços em preto e branco do Homem dos Patos, com o texto manuscrito em inglês, e as respectivas pranchas finalizadas, devidamente coloridas e traduzidas. A comparação cena a cena é inevitável e prazerosa. E, como bônus especial, na página 136 tem início a releitura contemporânea, no traço do holandês Daan Jippes — um dos mais devotos discípulos barksianos. Essa segunda versão, publicada originalmente em 1999 nos Países Baixos, nas edições 3 e 4 do gibi *Donald Duck*, procura recuperar o equilíbrio entre a sátira e o suspense alimentado pela presença da enorme fera, tão inquietante quanto Carl Barks a concebeu inicialmente.

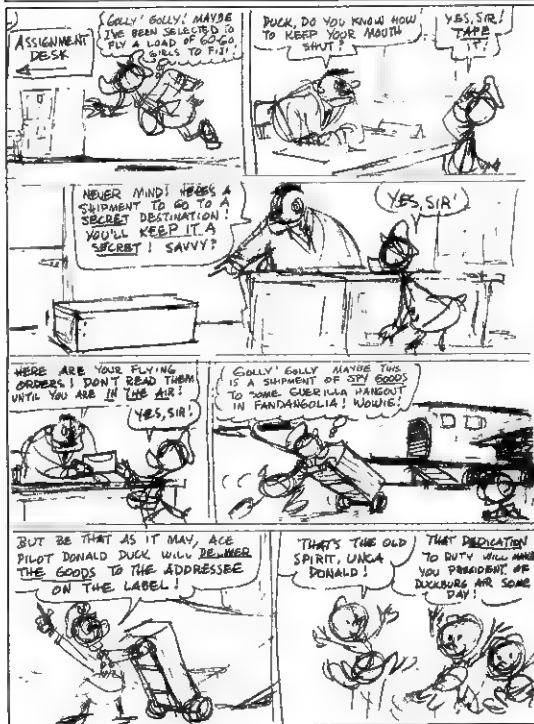
O Lobisomem do Ártico (Pawns of the Loup Garou), WDD 117-01, escrita e roteirizada por Carl Barks em março de 1967, desenhada por Tony Strobl em 1967 e por Daan Jippes em 1999.



Roteiro e esboços de CARL BARKS



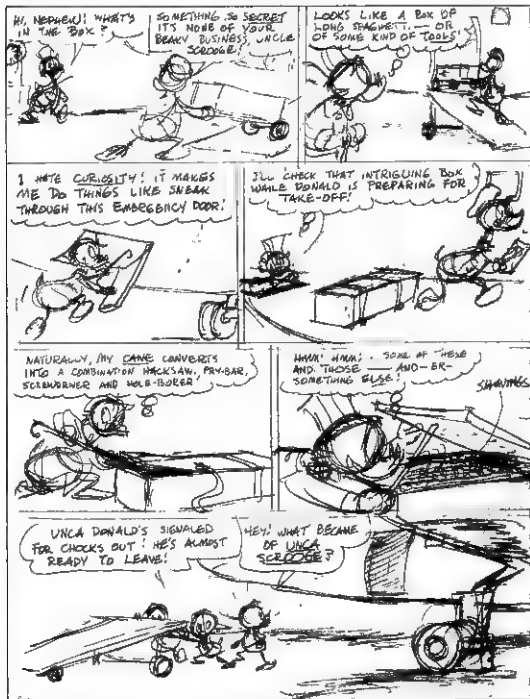
Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



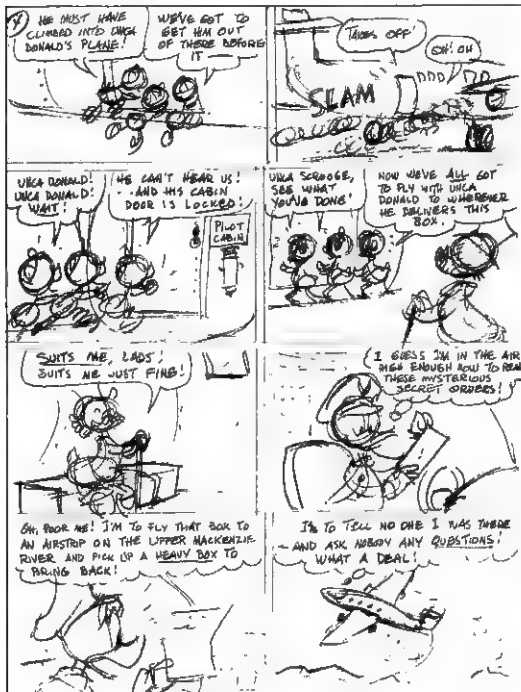
Roteiro e esboços de CARL BARKS



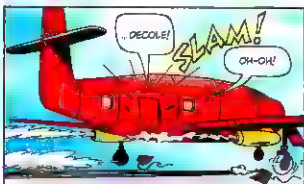
Arte de TONY STROBL



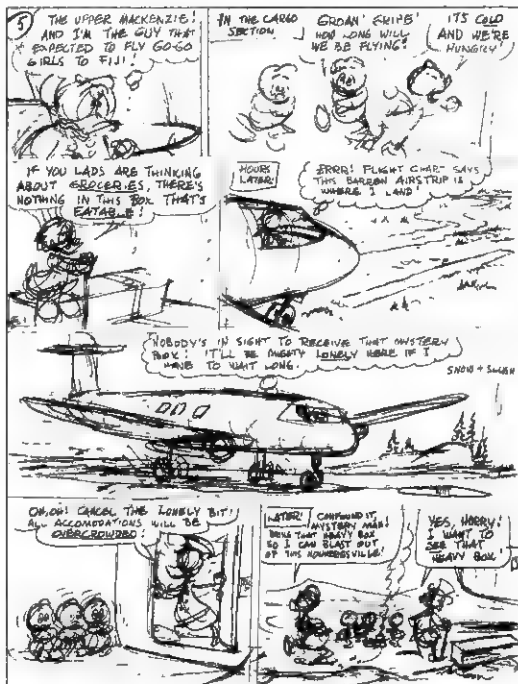
Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



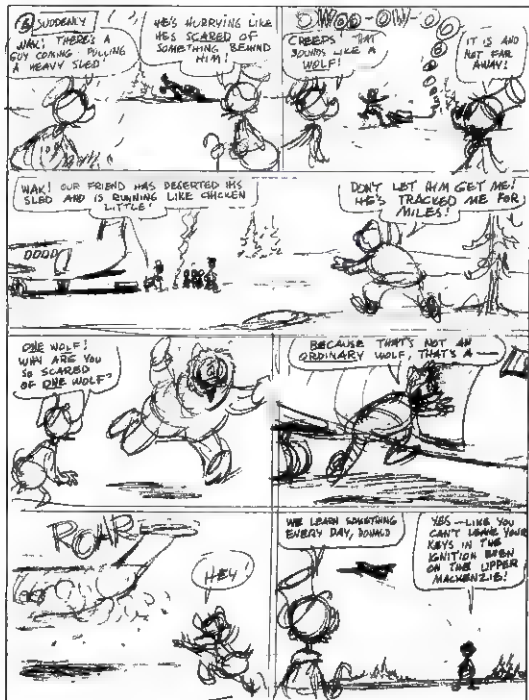
Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL

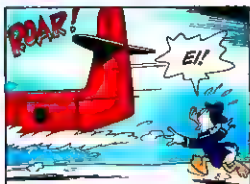


Roteiro e esboços de CARL BARKS

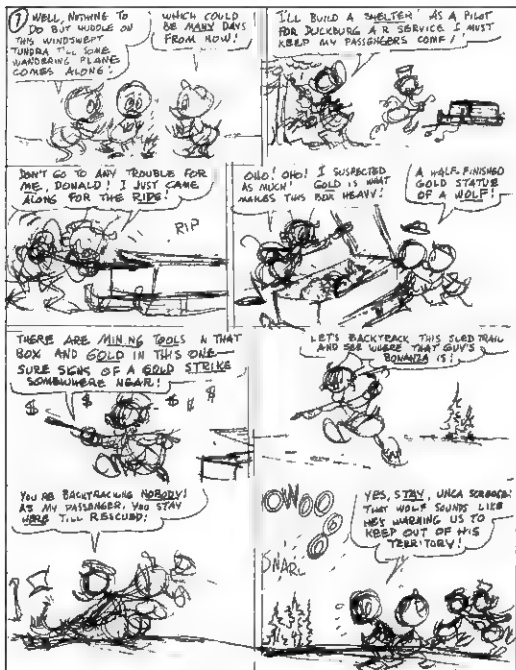


Arte de TONY STROBL

DE REPENTE...



Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



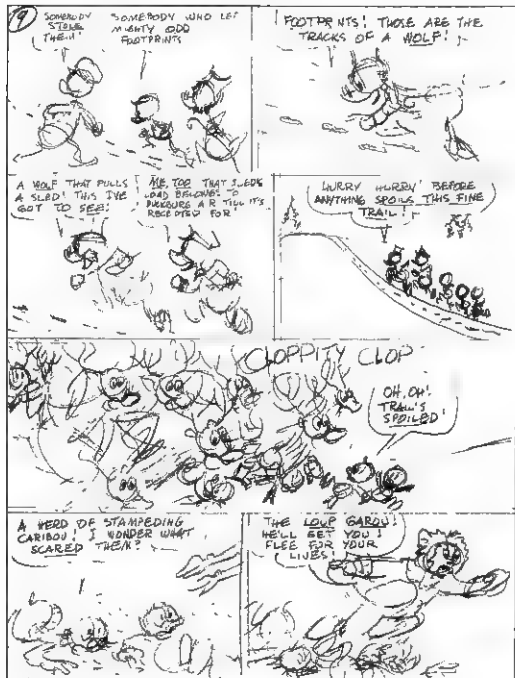
Roteiro e esboços de CARL BARKS



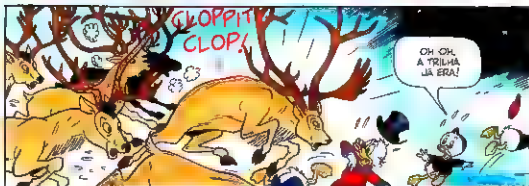
Arte de TONY STROBL



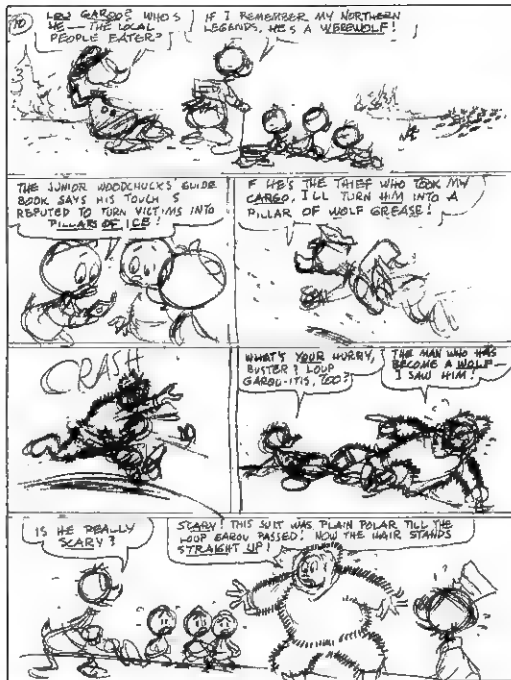
Roteiro e esboços de CARL BARKS



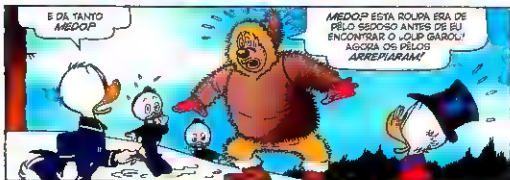
Arte de TONY STROBL



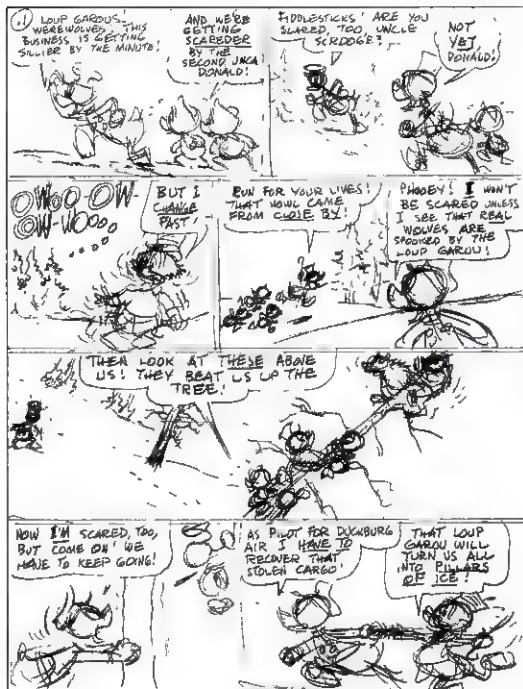
Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



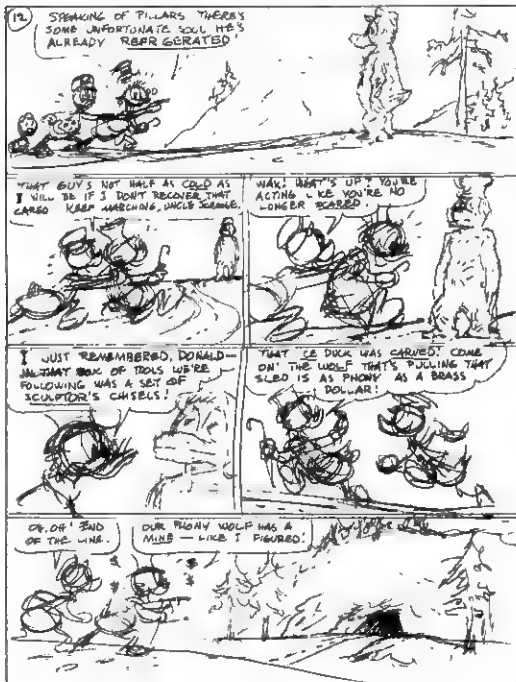
Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



Roteiro e esboços de CARL BARKS



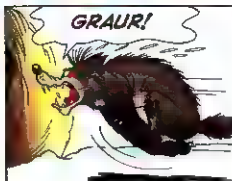
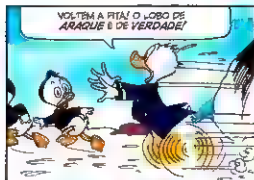
Arce de TONY STROBL



Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL



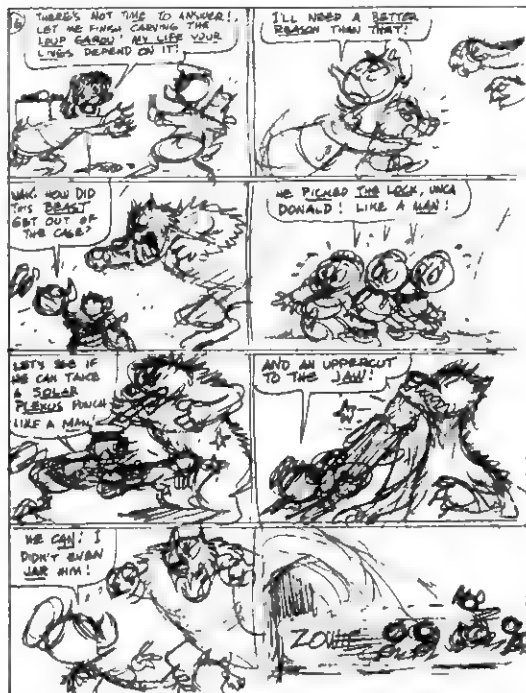
Roteiro e esboços de CARL BARKS



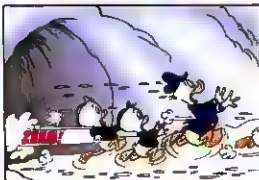
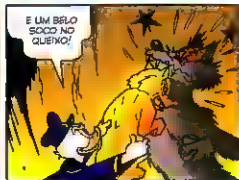
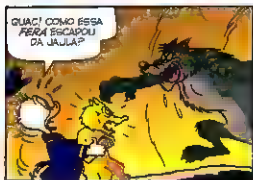
Arte de TONY STROBL



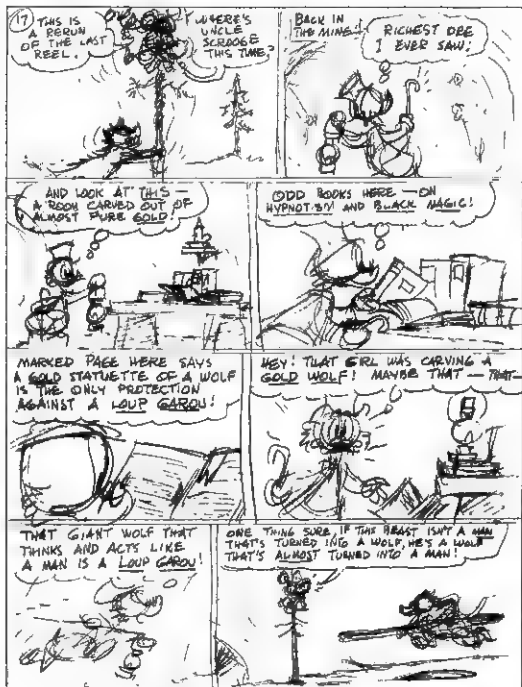
Roteiro e esboços de CARL BARKS



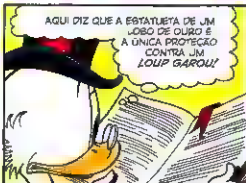
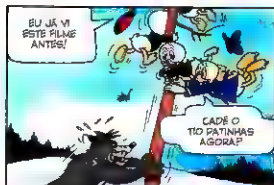
Arte de TONY STROBL



Roteiro e esboços de CARL BARKS



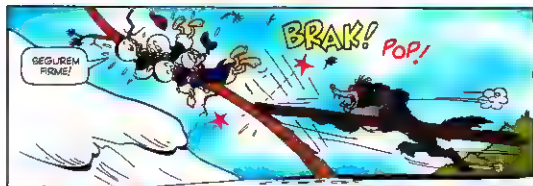
Arte de TONY STROBL



Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROB.



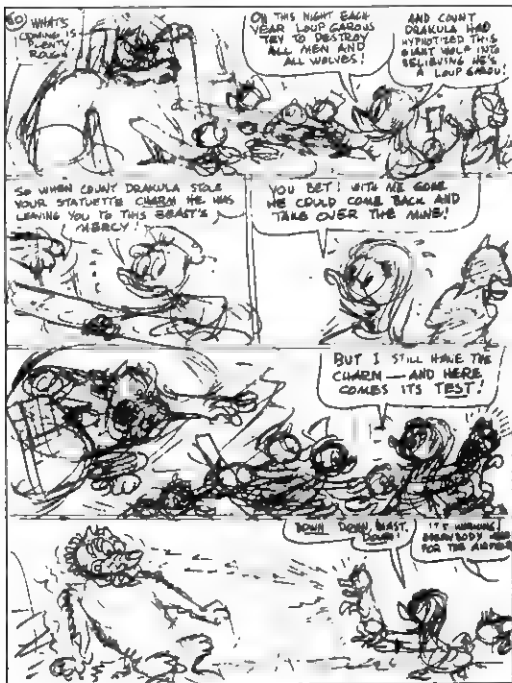
Roteiro e esboços de CARL BARKS



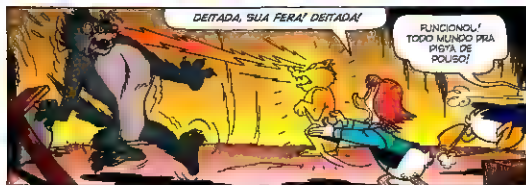
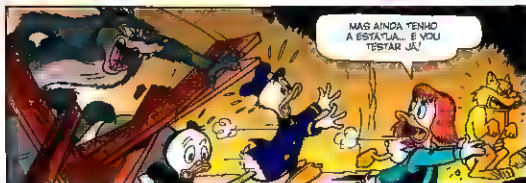
Arte de TONY STROBL



Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL

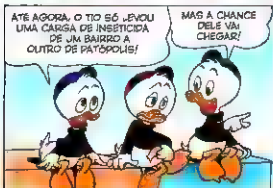


Roteiro e esboços de CARL BARKS



Arte de TONY STROBL

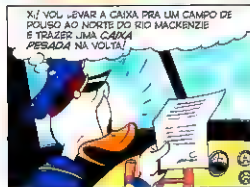


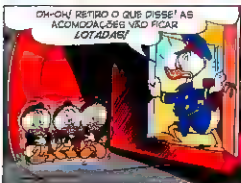


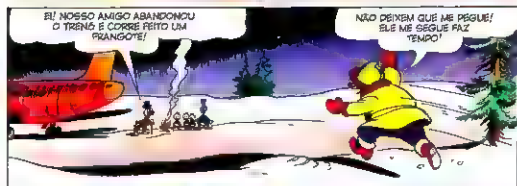
História publicada originalmente na revista Donald Duck (Finlândia) 3 e 4 em janeiro de 1999
O Lobisomen do Ártico - Pawns of the Loup Garou,
No Brasil: inédita





















FALANDO EM GELO, AÍ ESTÁ
UMA ALMA INFELIZ QUE ELE JÁ
REFRIGEROU!



ISSO NÃO É NEM METADE DA FRIA
EM QUE EU VOU ENTRAR SE NÃO
RECUPERAR A CARGA! ANDE!



QUE FOI? O SENHOR NÃO PARECE
MAIS AMEDRONTADO!



ACABO DE ME LEMBRAR... NA CAIXA DE
FERRAMENTAS, HAVIA UM JOGO
DE CINZEIS DE **ESCULTOR**!



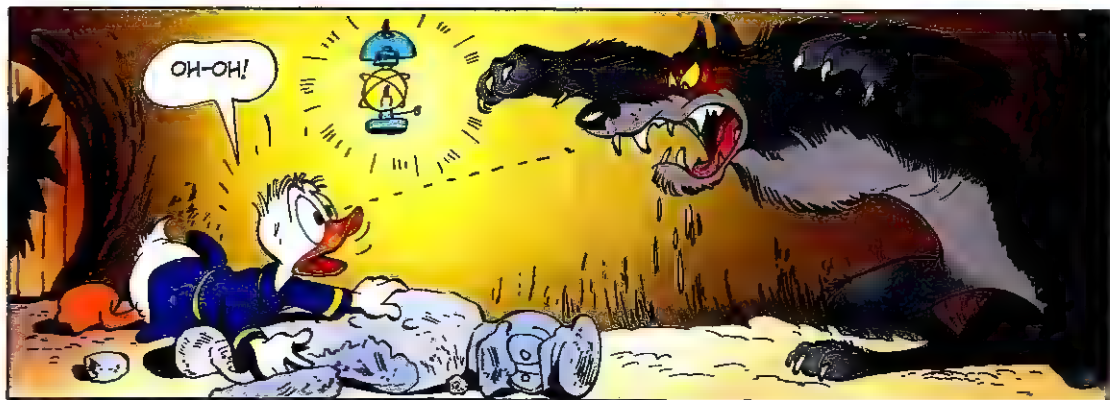
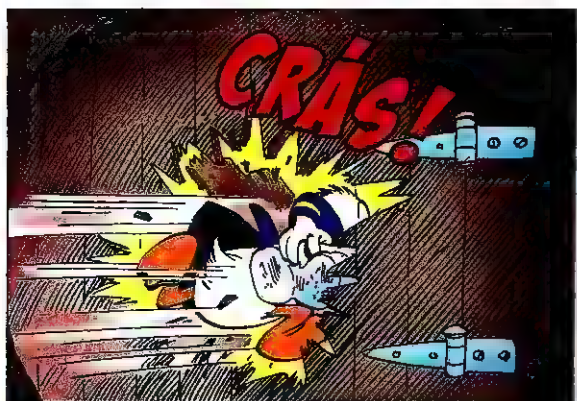
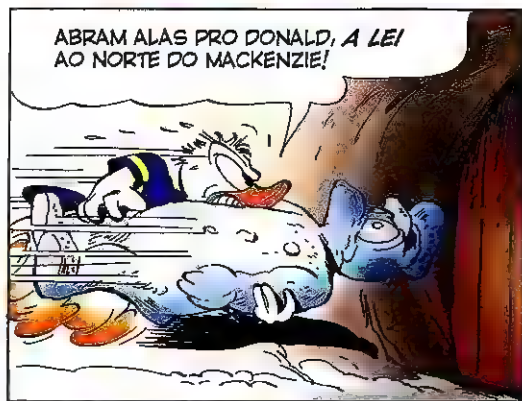
ESSE PATO FOI **ESCULPIDO**! VAMOS! O LOBO
QUE LEVOU O TRENÔ É TÃO REAL QUANTO UMA
NOTA DE TRÊS PATACAS!

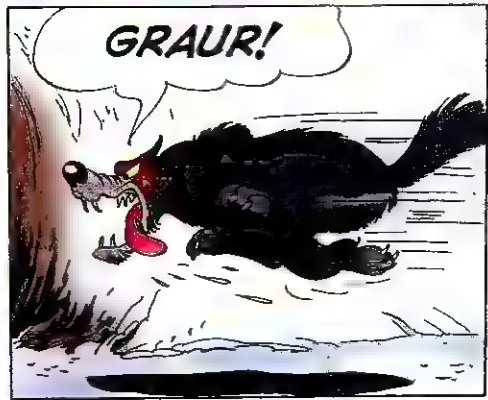


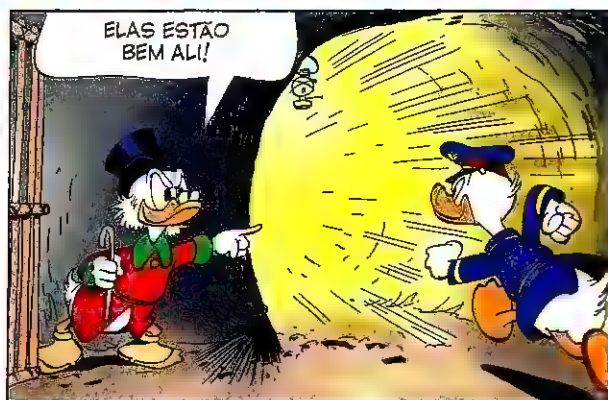
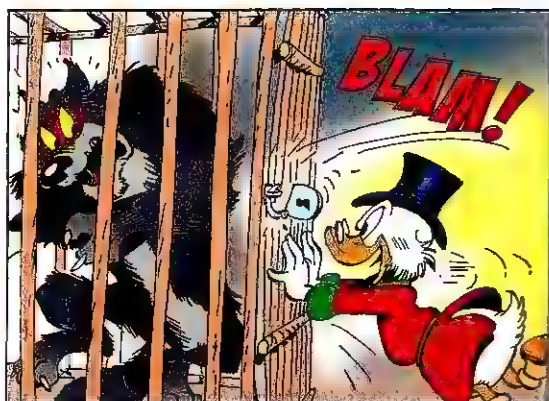
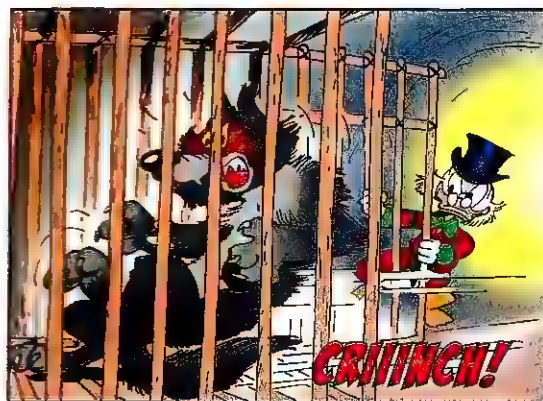
OH-OH! FIM
DA LINHA!

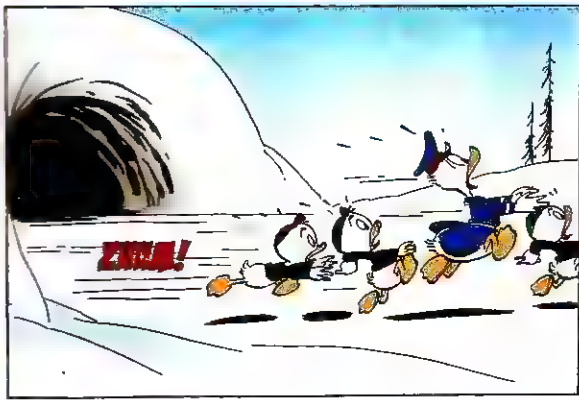
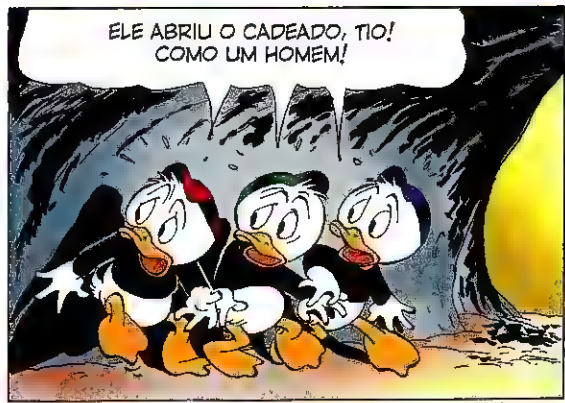
O LOBO DE ARAQUE TEM
UMA **MINA**! EU SABIA!



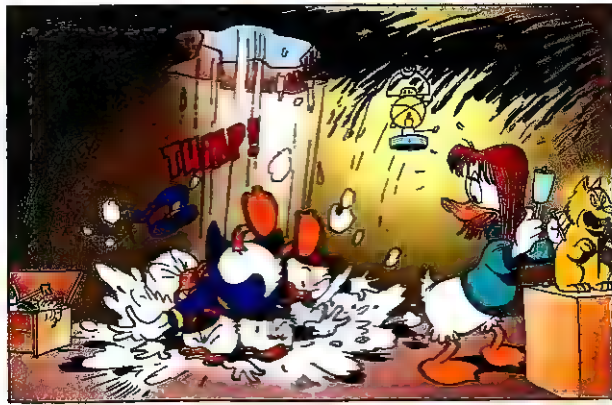
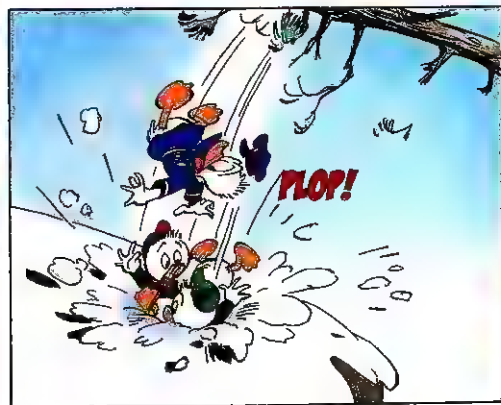
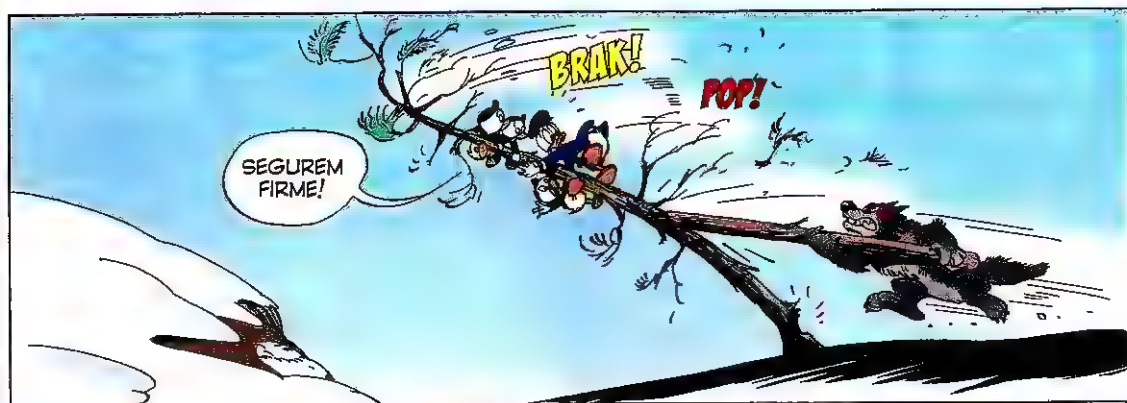


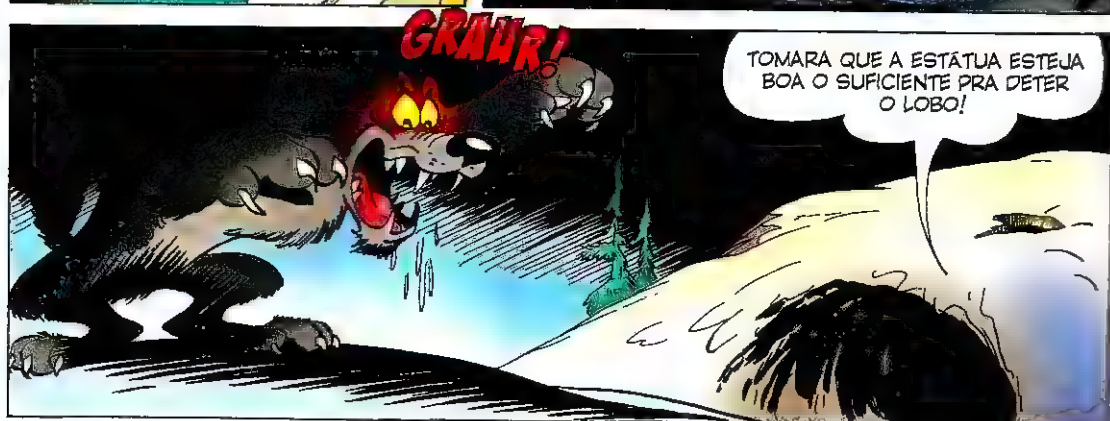


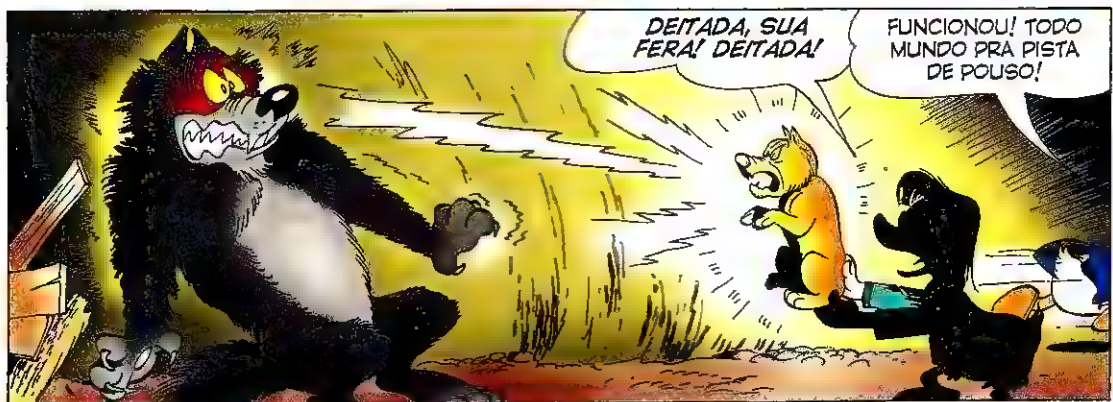


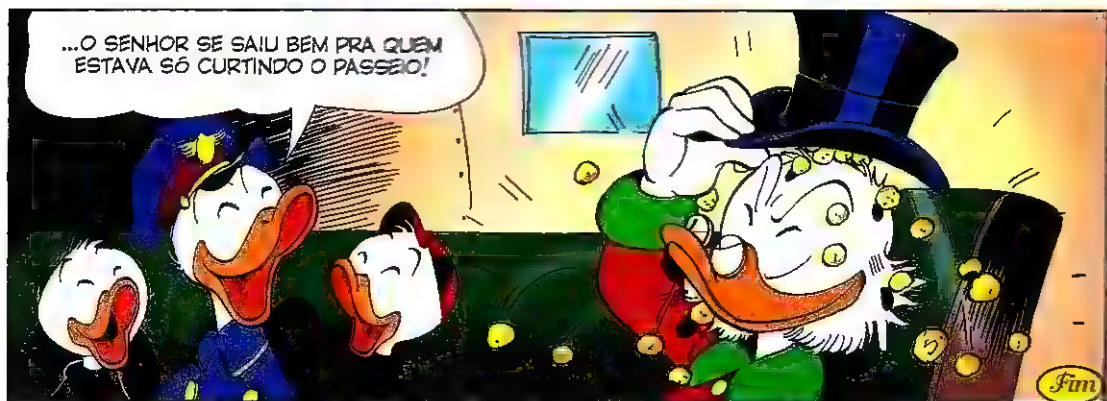


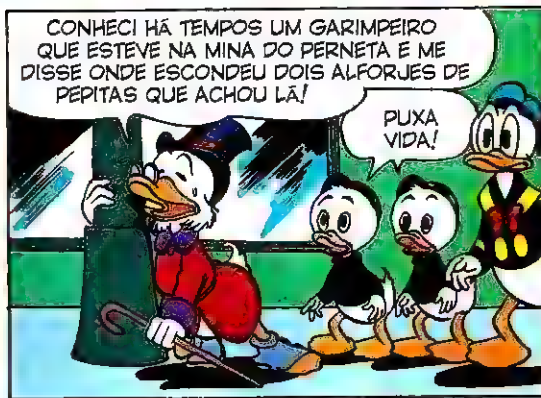
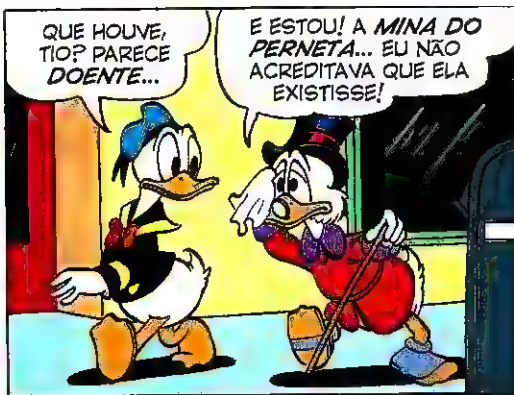








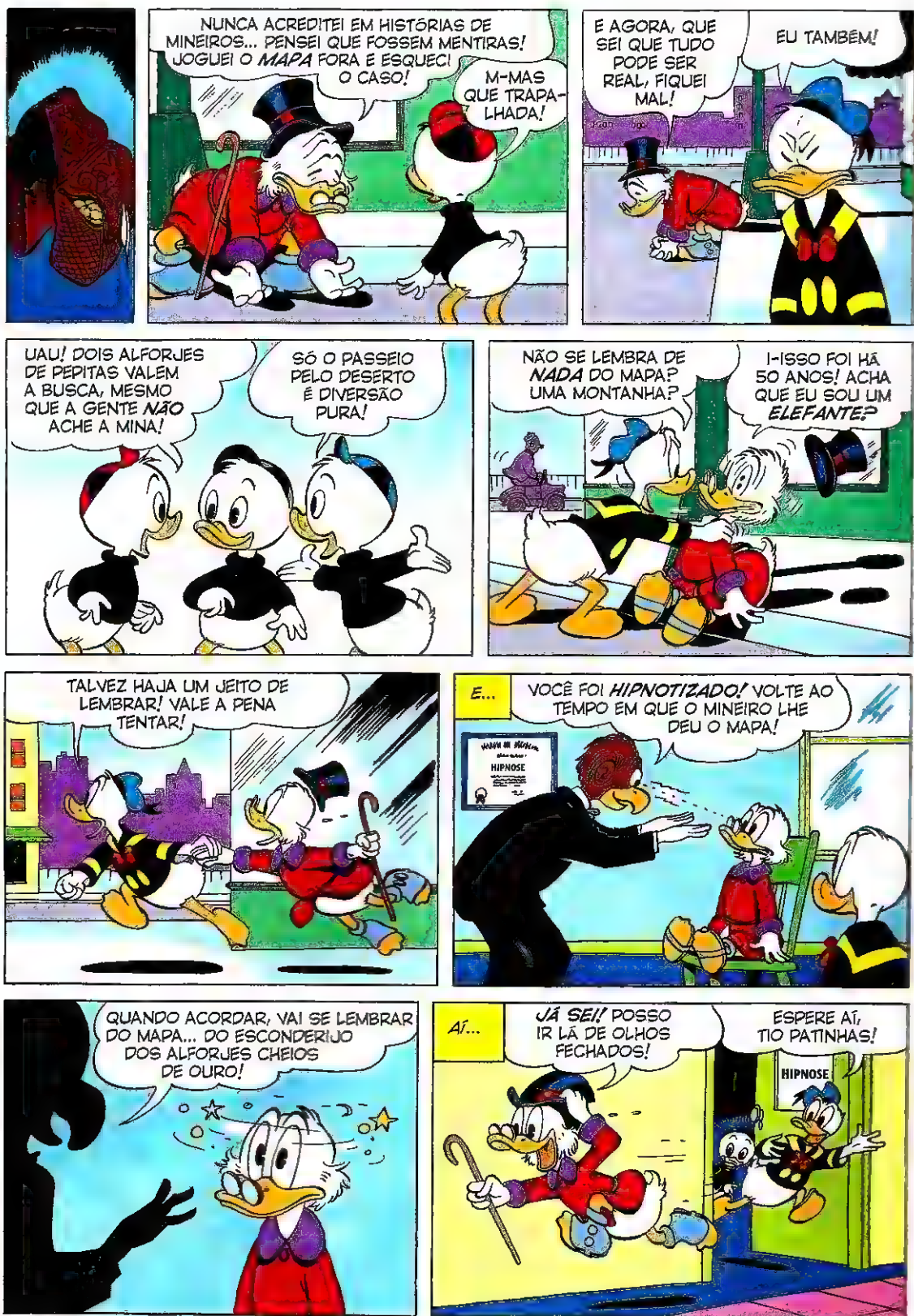


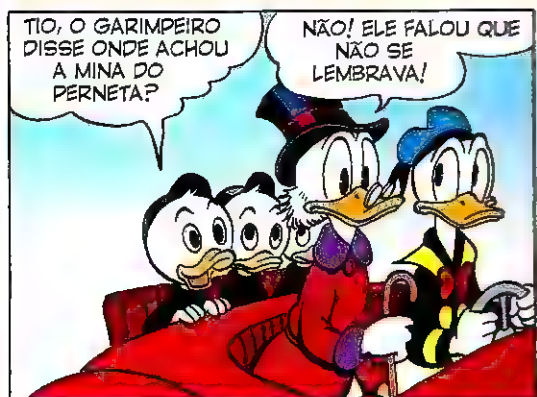
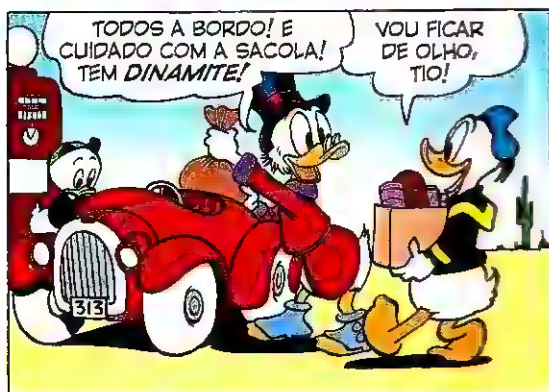


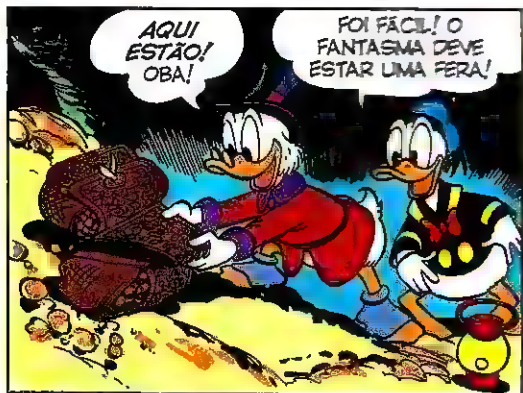
História publicada originalmente na revista *Donald Duck* 52 em março de 1957

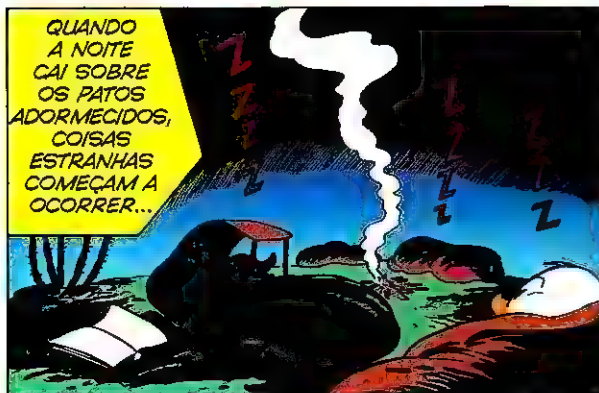
A Mina Perdida do Perna (The Lost Peg Leg Mine)

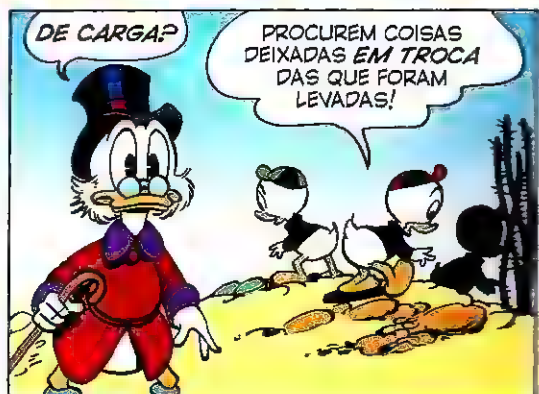
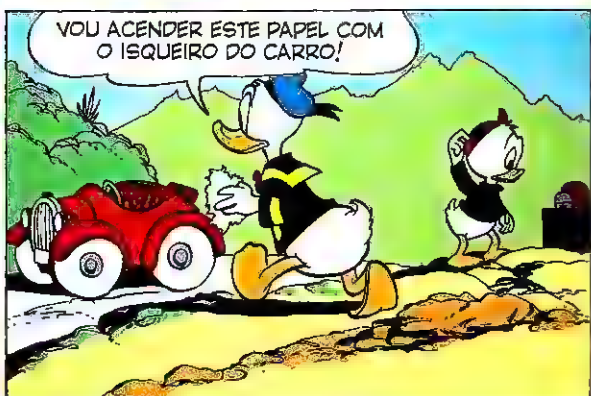
No Brasil: *Pato Donald* 353 (1958), *Tio Patinhas* 75 (1971), *Disney Especial* 38 (1978) e *Disney Especial Reedição* 34 (1986)

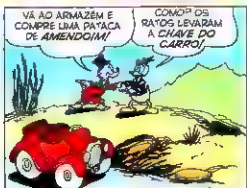
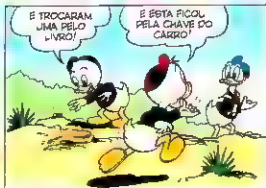


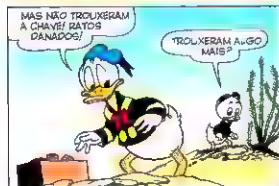
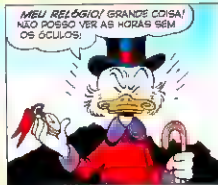


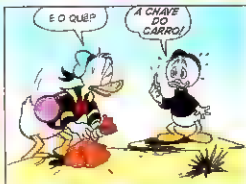
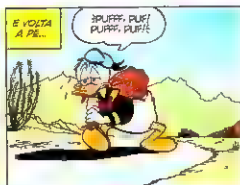


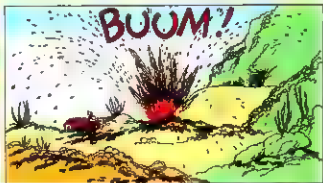
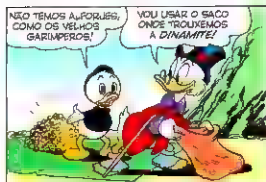








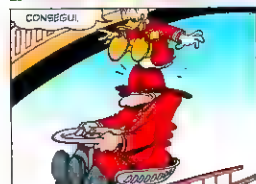
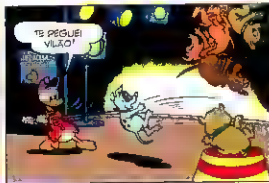






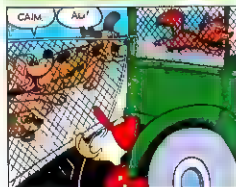
História publicada originalmente na revista *Donald Duck* 45 em janeiro de 1956
Os Lugos da Lei ou *O Apanhador de Cachorros* (Dingetcher Duck,
 No Brasil, *Pato Donald* 769 (1957), *Mickey* 91 (1960) e *Pato Donald* 1616 (1982)







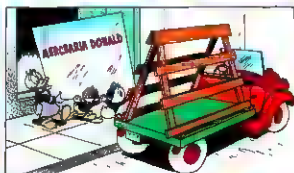
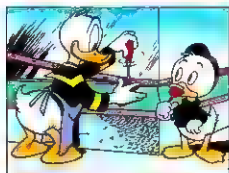
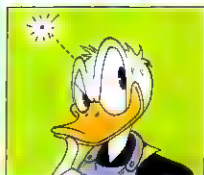
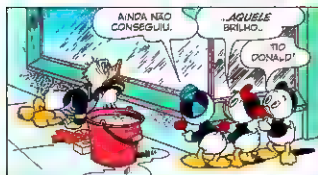




Walt Disney
Pato Donald



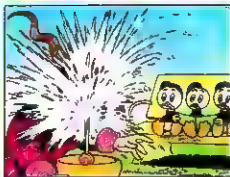
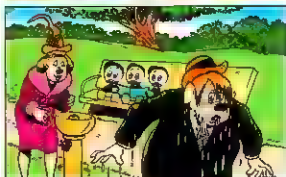
Walt Disney
Pato Donald



Capa interna FC 408

Walt Disney Pato Donald





Contracapa FC 408

Walt Disney **Pato Donald**



Walt Disney Pato Donald



Edições já publicadas

Os volumes 1 a 28 podem ser adquiridos pela Loja Abril online no site www.planetadisney.com.br

Alguns volumes também retornam periodicamente às bancas em determinadas regiões do Brasil.



Para falar com a Redação

Mande para nós as suas dúvidas, críticas e sugestões.

E-mail: disney.abril@ateliol.com.br

Sites: www.planetadisney.com.br e www.disney.com.br

Telefones: (0__11) 3037-4131 ou 3037-4673, de segunda a sexta, das 10 às 12 horas e das 14 às 16 horas

Cartas: Av. Nações Unidas, 7221 - 8º andar | CEP 05425-902 - São Paulo - SP | Fax: (0__11) 3037-4124

“Nos meus primeiros desenhos, quando criança, fazia cópias das capas do Pato Donald, que me encantavam pelo humor e elegância do traço. O poder de síntese, a narrativa visual e as composições cinematográficas das histórias de Carl Barks, o autor, foram marcantes nos meus primeiros passos. Seus personagens, inspirados na vida real, me ajudavam a compreender melhor o mundo dos humanos. Como esquecer um Donald briguento diante das adversidades ou um Tio Patinhas preocupado em manter a sua fortuna intacta? Devo também a Barks a curiosidade por viagens a lugares desconhecidos. O mundo dos patos criados por ele é, ainda hoje, um grande companheiro nos meus momentos de lazer.”

Carlos Grassetti

Diretor de Arte corporativo da Abril